

# **A IMPLANTAÇÃO DO ESPORTE VELA NO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS**

LEONARDO CARMO SANTOS  
MURILO CASTELLO BRANCO  
LUÍSA TORRES HOMEM GANDOLPHO

## RESUMO

Este artigo visa a apresentar as impressões dos idealizadores do projeto esportivo Velejando por um Mundo Melhor, professores de Educação Física do Instituto Nacional de Educação de Surdos, após o primeiro ano de sua implantação. O projeto promove os valores olímpicos e a acessibilidade para pessoas surdas ao esporte de vela e desenvolve metodologias de ensino e instrumentação de vela para pessoas surdas. Tem como objetivo criar um Guia de Ensino Oficial de Vela com Glossário Náutico Bilíngue e estimular a consciência inclusiva e ambiental em crianças e jovens. Foram adaptadas aulas em Libras para alunos de uma turma do Ensino Fundamental I do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com o ensino de técnicas de vela, da prática do esporte e da acessibilidade para alunos surdos. Como método de ensino, separamos os módulos em dois semestres: no primeiro, foram realizadas aulas teóricas de introdução à vela, utilizando vídeos informativos e materiais adaptados. No segundo semestre foram realizadas aulas práticas em ambiente controlado (piscina), posteriormente com aulas introdutórias na Lagoa Rodrigo de Freitas. Como resultados, os professores de Educação Física do INES relatam percepção de melhora comportamental dos alunos do projeto em suas turmas e, ao final do projeto, pretendemos elaborar um Guia de Ensino Oficial de Vela com Glossário Náutico Bilíngue que possibilitará a divulgação da vela e de acessibilidade para surdos.

**Palavras-chave:** Educação Física. Surdez. Esporte. Vela. Educação.

## ABSTRACT

*This article aims to unfold our impressions on the sports project "Sailing for a Better World" after its first year of accomplishment, as its creators and also physical educators at Brazilian National Institute of DEAF Education (INES). This project fosters the Olympic values and accessibility for the deaf to sail; develops teaching methodologies and sports sailing instrumentation; aims at creating a guide to sports sailing for the deaf; and encourages children and youth to grow inclusive and environmental aware. Classes in Libras (Brazilian Sign Language) have been suited for elementary school students at INES by teaching them not only sailing skills and its practices but accessibility for the deaf ones. As teaching method, theoretical classes on introduction to sailing were carried out by using informative videos and adapted materials. Then, practical classes in a controlled environment (swimming pool), and introductory classes were afterwards held at sea. As a result, these teachers report a perception of behavioral improvement of the students in class, and a bilingual nautical glossary will soon be elaborated, what will enable the spread of the sports sailing and accessibility for the deaf people.*

**Keywords:** Physical Education. Deafness. Sport. Sailing. Education.

### LEONARDO CARMO SANTOS

Instituto Nacional de Educação de Surdos. E-mail: lleonardosanttos@gmail.com.

### MURILO CASTELLO BRANCO

Instituto Nacional de Educação de Surdos; especialista em Técnica Esportiva e Educação Para Deficientes Auditivos. E-mail: castello.mur@gmail.com.

### LUÍSA TORRES HOMEM GANDOLPHO

Pontifícia Universidade Católica-RJ e velejadora da Equipe do Brasil. E-mail: luisagandolpho52655@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O projeto Velejando por um Mundo Melhor teve início em 2016, a partir da experiência de três anos da velejadora Luísa Gandolpho como instrutora da escola de vela para jovens e crianças do Clube Naval Piraquê, na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro. Na turma de crianças com idades de 8 a 15 anos havia um menino surdo, com 10 anos de idade, cujos pais buscavam no esporte uma via para a inclusão e o lazer de seu filho. Luísa constatou que não havia metodologias desenvolvidas para a aprendizagem de surdos na vela e, buscando incluí-lo nas aulas, adaptou situações para ensinar seu aluno surdo. Desde então, a atleta se propôs a encontrar formas de incluir surdos na vela e desenvolveu métodos de ensino com sinalizações de bandeiras com cores diferentes para cada movimento do barco, por exemplo,

possibilitando a comunicação à distância na embarcação, para que seu aluno pudesse realizar as aulas práticas dentro da água com outras crianças ouvintes.

Com o objetivo de convidar mais alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no início do ano letivo de 2018 fizemos uma apresentação do projeto no auditório do colégio, que contou com a audiência de aproximadamente 60 alunos, onde 23 se inscreveram para participar do projeto. Após a inscrição, foram realizados testes de aptidão na piscina do INES, onde foram avaliadas as habilidades de nadar e se equilibrar, essenciais para a segurança dos aprendizes. Com isso, iniciamos o ensino de 20 novos alunos, contando com 10 alunos do Ensino Fundamental I e outros 10 alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Dessa experiência, em 2018, Luísa foi convocada pela Confederação Brasileira

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.wdsc2018.pl/>, acesso em: 14 abr. 2019.



**Fotografia 1** – Equipe do projeto 'Velejando', alunos, intérpretes e professores do INES  
Fonte: Arquivo do projeto "Velejando por um Mundo Melhor"

de Desportos de Surdos (CBDS) para ser a primeira técnica a treinar e acompanhar a primeira flotilha de surdos para disputar o 1º Campeonato Mundial de Vela para surdos<sup>1</sup>, realizado na Polônia, na cidade de Puck, nas datas entre 22 a 29 do mês de setembro de 2018. Infelizmente, não puderam ir alunos do INES nesse campeonato, por conta do curto espaço de tempo para treinamento que os capacitasse a disputar o campeonato e também por problemas de ordem econômica.

Para entender as questões relacionadas ao ensino do esporte surdo, é preciso contar sua trajetória.

## UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO DESPORTO SURDO

Os esportes para surdos em âmbito mundial são organizados pelo Comitê Internacional de Desportos Surdos desde 1955, reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como entidade máxima desportiva para surdos, possuindo *status* independente em relação ao Comitê Paralímpico Internacional (CPI) por conta da *diferença* existente entre atletas portadores de deficiências físicas e a natureza específica da surdez. Por conta disso, os atletas surdos não são nomeados “atletas” ou “paraatletas”, mas *surdoatletas* (CBDS, 2019). Essa característica demarca um posicionamento social dos surdos de valorização de seu conjunto de identidades Surdas, pertencentes ao “Mundo dos Surdos” (MAGNANI, 2012) e, desportivamente, desemboca no

evento *Deaflympics*<sup>2</sup> ou *Surdolímpiadas* (em português). Esse evento tem a mesma equivalência da realização dos Jogos Olímpicos ou Paralímpicos, porém, apenas *Surdoatletas* competem entre si.

No Brasil, os esportes surdos institucionalizados são normalmente organizados pela Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS)<sup>3</sup>, à qual estão filia-das federações estaduais representantes de 22 estados. Os esportes tradicionais do país, como futebol, vôlei, basquete, atletismo e natação, são alguns dos contemplados e têm campeonatos nacionais e estaduais realizados regularmente. Esses esportes trazem adaptações que privilegiam a informação visual, como a sinalização com luzes de locais de largada, por exemplo, o posicionamento dos árbitros, a utilização sonora de apitos (emitindo repetidamente silvos para que os surdos com algum resíduo auditivo parem a jogada, por exemplo) e, obviamente, a língua de sinais. Já que a surdez é uma condição e não uma deficiência que afeta necessariamente o controle motor, não existem limitações e adaptações maiores a se fazerem para atividades físicas com pessoas surdas (ALMEIDA, 2013).

O esporte de vela no Brasil conta com uma história vitoriosa, com velejadores medalhistas olímpicos como Robert Scheidt<sup>4</sup> e os velejadores da família Grael. Apesar de toda uma história olímpica e mundial bem sucedida, a vela esportiva brasileira apresenta-se como um esporte praticado majoritariamente pelas elites, devido ao custo elevado para aqui-

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.deaflympics.com/>>, acesso em: 13 abr. 2019.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://cbds.org.br/>>, acesso em: 13 abr. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,robert-scheidt,1051,0.htm>>, acesso em: 13 abr. 2019.

sição de seus materiais básicos como o barco, a vela, a manutenção desses itens em garagem náutica e a instrução especializada para o aprendizado e treinos. Viana, Andrade e Brandt (2011) ponderam que o considerável custo financeiro para a participação e as especificidades dos equipamentos e locais adequados tornam a vela um esporte de difícil massificação para a realidade brasileira.

De acordo com Cunha (2014, p. 21), a vela

É um desporto náutico em que as embarcações se deslocam na água através da força do vento. As competições da vela envolvem os mais diferentes tipos de embarcações, organizadas em categorias, conhecidas como classes, em conformidade com a vela.

No que tange aos benefícios da prática da vela para a criança, Silva et. al. (2012) citam a capacidade de atenção, a tomada de decisão, a capacidade de visualização espacial dinâmica e a relação do velejador com os elementos da natureza, melhorando sua ação e seus resultados para este esporte.

Mais especificamente, Fernandes e Freitas (2008) afirmam que as principais habilidades motoras estimuladas por este esporte são equilíbrio, força, agilidade, flexibilidade, velocidade de reação e resistência muscular localizada. As habilidades psicomotoras desenvolvidas são a coordenação, lateralidade, percepção espaço temporal. Também a gama de problemas a serem resolvidos a cada mudança de direção do barco em interação com as condições da natureza

(mar, vento, chuva, sol, etc.) estimulam o desenvolvimento cognitivo do velejador, tendo em vista que, como capitães de seus barcos, são necessárias constantes tomadas de decisão quanto à manutenção do barco no seu curso correto. Com isso, são desenvolvidas capacidades sócio-afetivas como cooperação, respeito, auto-estima e auto-controle.

Fernandes e Freitas (2008) defendem que a vela esportiva pode exercer o mesmo papel pedagógico que os esportes tradicionais da escola.

A vela promove o contato com a natureza e estimula o lado cognitivo da criança. Sob esse prisma, Brandt et. al. (2012, p.71) identificam as características e demandas deste esporte, no qual "a prática da vela requer do atleta boas estratégias, conhecimento teórico de hidrodinâmica, meteorologia, condições de navegação, habilidade de cooperação (em classes com mais de um tripulante)". Com isto, entendemos que a prática auxilia a cognição da criança, pois faz com que ela observe a força motriz do barco, tenha noções de vento, força de vetores, atritos e ângulos enquanto veleja, percebendo na prática o que vê na teoria, em sala de aula.

## **ESPORTE ADAPTADO: VELA ADAPTADA PARA SURDOS**

Cunha (2014) relata ser a vela adaptada para pessoas com deficiência motora em Portugal uma atividade ainda muito recente em termos de pesquisas, análises e bibliografias. De acordo com ele, a vela adaptada

consiste na prática de vela de forma autônoma, por pessoas com deficiência através do recurso a barcos desenhados de forma a serem velejados com o máximo de segurança por essas pessoas com necessidades especiais. (CUNHA, 2014, p. 33)

A definição de Cunha (2014) trata de sua experiência com deficientes motores, porém, para os surdos, uma das maiores barreiras para o aprendizado da cultura esportiva trata da acessibilidade aos termos técnicos dos esportes via Libras (BARBOZA & SILVEIRA, 2015a), no caso brasileiro, a primeira língua dos surdos por direito (BRASIL, 2005; BRASIL, 2002). Em pesquisa por termos técnicos da vela, constatamos que não há registros de sinais em Libras além do que nomeia o esporte (BARBOZA, SILVEIRA & CAMPELLO, 2015; TV INES, 2015b).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de desenvolvimento humano foi aprovada em novembro de 2016 pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Desde então, em conjunto com os professores de Educação Física do INES, nos propusemos a implementar aulas teóricas e práticas para os alunos surdos, por meio dos primeiros movimentos com bandeiras e pela criação de sinais, que integram a metodologia de ensino. Essa experiência de ensino é similar à que Passeto, Araújo e Correia (2006) utilizaram no esporte de natação para surdos, quando colocaram figuras

como apoio complementar às informações passadas durante a instrução daquela modalidade esportiva. Em nosso caso, por se tratar de um esporte sobre o qual não há registros de sinais validados, pretendemos que os novos sinais e classificadores que surgirão do cotidiano se tornem referência para o esporte, facilitando o aprendizado e a comunicação à distância na prática da vela.

As aulas foram separadas em dois módulos: teóricas e práticas. As teóricas apresentaram palestras, trabalhos de respiração, filmes e atividades para que as crianças pudessem sentir o vento e conhecer os equipamentos náuticos. O desenvolvimento desse plano educacional e das aulas práticas contou com o apoio do Clube Naval Piraquê, que cedeu sua infraestrutura náutica e concedeu todos os procedimentos de segurança e itens necessários para o desenvolvimento adequado do curso. Nesse local as crianças tiveram acesso às embarcações e puderam desenvolver os ensinamentos do primeiro módulo.

É necessário dizer que as aulas do projeto nos primeiros dias dividiram a carga horária com a disciplina de Educação Física para que professores e alunos pudessem ser apresentados ao projeto, porém, logo a seguir, passaram a acontecer em momentos diferentes, com as aulas do projeto em contraturno. Portanto, sem grandes prejuízos ao tratamento curricular da disciplina Educação Física.

O projeto piloto foi idealizado em quatro etapas e as duas primeiras já foram



**Fotografia 2** – Projetamos na TV as partes do barco em cores destacadas e ensinamos em Libras os nomes dessas partes. Nesta foto, a vela do barco  
Fonte: Arquivo do projeto “Velejando Por Um Mundo Melhor”

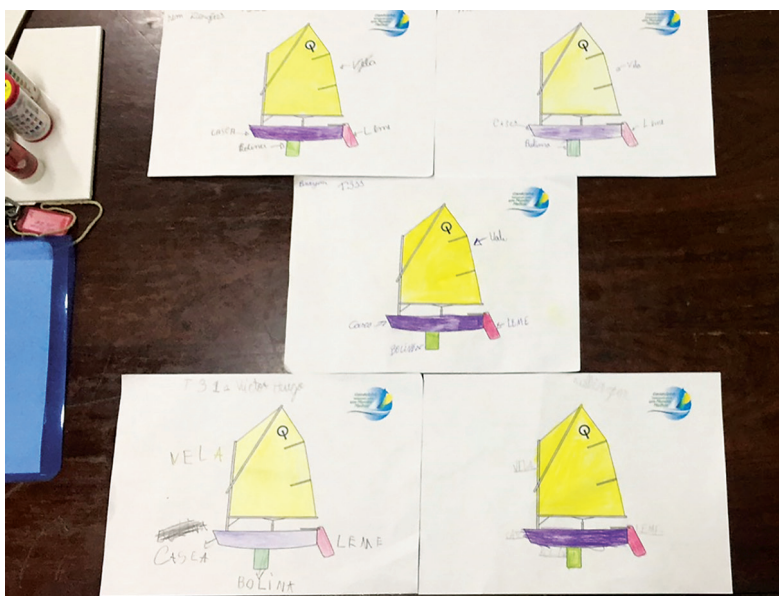
concluídas. Portanto, para continuidade da execução e alcance dos objetivos e metas, é preciso realizar mais duas etapas.

A primeira etapa contou com aulas teóricas de 90 minutos de duração, apresentando palestras, trabalhos de respi-

ração, vídeos e atividades para que os alunos pudessem começar a ter contato com a teoria da vela, aprendendo sobre as partes do barco, direção dos ventos, manobras, pontos cardeais e expressões náuticas (**Fotografias 2, 3 e 4**).



**Fotografia 3** – Luísa supervisiona as cores corretas para a parte da vela



**Fotografia 4** – Os desenhos produzidos pela turma  
 Fonte: Arquivo do projeto “Velejando Por Um Mundo Melhor”

<sup>5</sup> O barco Optimist é utilizado para iniciação à vela para crianças com idade até 15 anos de idade. Mais informações em Davies (2006).

Na segunda etapa do projeto foram aplicadas aulas práticas. Iniciada em agosto de 2017, essa fase teve como objetivo as crianças acessarem e conhecerem as embarcações. Desenvolvemos 16 aulas teóricas e 8 aulas práticas, com periodicidade quinzenal, adaptadas em Libras para sete alunos de uma turma do Ensino Fundamental I, com instruções de técnicas de vela, permitindo a vivência prática do esporte e a acessibilidade para os alunos surdos.

As primeiras aulas práticas introdutórias tiveram duração de duas horas e aconteceram em ambiente controlado, na piscina do INES (duas aulas) e também na piscina do Rio Beach Club, um clube localizado na Zona Oeste da cidade, no bairro Barra da Tijuca. Nessas aulas, as crianças puderam ter o primeiro contato com o barco *Optimist*<sup>5</sup>. O objetivo dessas primeiras aulas era ensinar-lhes, de forma

lúdica, a aprenderem a virar e desvirar o barco objetivando a segurança, sendo esse o primeiro procedimento antes de velejarem na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Nessa fase os alunos puderam colocar em prática os ensinamentos trabalhados nas aulas teóricas, como o equilíbrio e as manobras com o barco (**Fotografia 2**).

Uma terceira etapa do Projeto Velejando por um Mundo Melhor será dedicada à elaboração de um Guia de Ensino Oficial de Vela com Glossário Náutico Bilíngue, que ficará de legado para a inclusão de jovens e crianças na prática do esporte. Para a idealização e validação desse material, será preciso fazer um registro de todas as expressões ao lado de intérpretes e especialistas do INES. Temos como objetivo registrar 20 sinais náuticos, aprendidos e desenvolvidos como legado para o ensino de vela para surdos





**Fotografia 5** – Luísa relembra com os alunos os nomes das partes do barco em uma aula prática  
Fonte: Arquivo do projeto “Velejando Por Um Mundo Melhor”



**Fotografia 6** – Aluno aprendendo como desvirar do barco em piscina  
Fonte: Arquivo do projeto “Velejando Por Um Mundo Melhor”

Também em seu conteúdo, o livro conterà a descrição de toda a trajetória do projeto, apresentando detalhes sobre as aulas práticas e teóricas, a história dos 160 anos do INES, o olhar dos professores sobre a melhoria comportamental dos alunos integrantes do projeto em sala de aula e a história dos apoiadores

do Projeto, que são o Instituto Gênesis da PUC-Rio e o Clube Naval Piraguê, da Marinha do Brasil.

O projeto entra em seu segundo ano de atuação em 2018 buscando uma base tecnológica que dê suporte aos nossos objetivos. A intenção é que se utilize uma tecnologia audiovisual, com realidade

umentada, para facilitar a utilização do Guia de Ensino Oficial de Vela com Glossário Náutico Bilíngue por jovens e crianças surdos.

O próximo passo do projeto é buscar uma equipe de especialistas para a

criação e o registro dos sinais náuticos em Libras, que serão realizados em parceria com os professores de educação física do INES, intérpretes em Libras da instituição e alunos surdos integrantes do projeto.



**Fotografia 7** – Alunos entrando no barco na lagoa Rodrigo de Freitas  
Fonte: Arquivo do projeto "Velejando Por Um Mundo Melhor"



**Fotografia 8** – Lúisa e aluno velejam na lagoa Rodrigo de Freitas  
Fonte: Arquivo do projeto "Velejando Por Um Mundo Melhor"

O trabalho será composto pela catalogação dos novos sinais náuticos em Libras, que irão facilitar o aprendizado de jovens e crianças a velejar e, caso queiram, que possam trabalhar no setor náutico. Para isso, será necessário a colaboração de uma equipe multidisciplinar.

## RESULTADOS

Com a realização das etapas descritas, o projeto buscou um processo de implementação de ensino que envolvesse várias atividades, com o objetivo de, se possível, ao término do ano de 2017, proporcionar o aprendizado da vela aos alunos integrantes do projeto. Ao desenvolver a metodologia para a interação com as crianças, procurou-se tornar o processo lúdico e, ao mesmo tempo,

prático, visando ao desenvolvimento da autoconfiança e à superação de ansiedade dos alunos.

Durante a aplicação das aulas teóricas, a instrutora observou que a atenção das crianças para as atividades era diferente em relação aos ouvintes. Por isso, foram introduzidos vídeos e materiais didáticos para colorir, buscando facilitar o entendimento e a concentração. Ao final do primeiro módulo, as crianças tiveram o primeiro contato com a vela na Lagoa de Marapendi – um veleiro de 19 pés – que permitiu o trabalho em equipe.

Foram separadas funções: um aluno tornou-se o timoneiro (responsável pelo leme), outro controlou os cabos da vela mestra (maior vela do barco) e um terceiro foi responsável pela buja (menor



**Fotografia 9** – Primeira aula prática de vela na Lagoa de Marapendi

Fonte: Arquivo do projeto "Velejando Por Um Mundo Melhor"

vela do barco). Essas funções objetivam sincronizar os movimentos, ajustados ao vento, para melhorar a performance do barco. Nessa atividade foi possível observar o conjunto de habilidades iniciais de cada criança, para que, pudesse ser feito um trabalho com o objetivo final de que todos pudessem aprender a velejar (**Fotografia 3**). Também estavam na embarcação os professores de Educação Física responsáveis pela turma e duas intérpretes, facilitando a comunicação, tendo em vista que a instrutora ainda está em processo de aprendizado da Libras.

No segundo módulo, foi definido um plano de ação com aulas práticas no barco *Optimist*, conforme Davies (2006), embarcação própria para o aprendizado da vela por crianças até 15 anos (**Foto-**

**grafia 4**). A classe de barcos *Optimist* ensina crianças e jovens a velejar, escolher o melhor vento, contornar boias e estratégias. O barco possui 2,34 metros e é considerado fácil de guiar com segurança para pessoas de 7 a 15 anos, que pesam entre 30 e 50 quilos (Kg).

As aulas tinham duração de duas horas, com revisões de conteúdos teóricos e novas atividades práticas realizadas na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Clube Naval Piraquê, no bairro da Lagoa, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Visando a segurança, esse local é considerado bom para o aprendizado da vela por haver poucas ondas e correntes marítimas. Nessa etapa, foram introduzidas nomenclaturas de manobras e materiais náuticos, e também temáticas visando estimular o gosto pelo esporte.



**Fotografia 10** – Aula prática no barco *Optimist* realizada na Lagoa Rodrigo de Freitas  
Fonte: Arquivo do projeto “Velejando Por Um Mundo Melhor”

Ao longo das aulas, percebemos que a vela melhorou a inter-relação dos alunos integrantes do projeto na sala de aula. Em conversa com os pais, professores de Educação Física relataram que o comportamento e o rendimento escolar apresentou melhoras no aspecto da afetividade, nos quesitos de cooperação e união entre os alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como em outros esportes, entre os benefícios da prática de atividades físicas está o de melhorar índices de saúde de praticantes assíduos, se observados os limites das individualidades biológicas e das cargas esforços (McARDLE, 2013; WEINECK, 1999). Segundo Almeida (2013), não há grandes diferenças atreladas aos surdos que exijam adaptações para a vivência de suas práticas corporais esportivas. Conforme este estudo demonstra, as maiores limitações ou barreiras que os surdos enfrentam para conhecerem ou praticarem plenamente os esportes são

de trato cultural, materializadas na carência e até mesmo ausência de referências bibliográficas que deem significado aos termos técnicos dos esportes – no nosso caso, a vela –, bem como a capacitação técnica de professores, instrutores e treinadores para o ensino ou o treino dos esportes pretendidos em Libras (BARBOZA & SILVEIRA, 2015a).

Além dessas observações, como avaliação da nossa intervenção com o projeto “Velajando por um Mundo Melhor”, percebemos melhora no comportamento dos alunos atendidos em suas turmas, inclusive nas aulas regulares de Educação Física.

Entendemos que as crianças envolvidas com a prática da vela apresentaram melhoras em aspectos como autoconfiança, maior disciplina com seus compromissos diários, responsabilidade em sala de aula e atividades em grupo, valorização do trabalho em equipe, aprendizagem de respeito e preservação do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.C. P. G. Atividade física e deficiência auditiva. In.: GREGOL, M; COSTA, R. F. (Orgs.). *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2013.
- BARBOZA, C. F. S.; SILVEIRA, L. C. A. educação física e esportes: um olhar para a inclusão dos surdos. *Revista Arqueiro*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 22-25, jul/dez. 2015a.
- BARBOZA, C. F. S.; SILVEIRA, L. C.; CAMPELLO, A R ; CASTRO, H C . *Glossário de esportes olímpicos em Língua de Sinais Brasileira* (Libras – LSB). 01. ed. Niterói: ABDIn, 2015b.
- BRANDT, Ricardo et. al. Atenção em velejadores: conceitos e aplicações. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 34, n.1, p. 69-80, jan/mar. 2012.
- BRASIL. Lei nº 10. 436, de 24 de abril de 2002.
- BRASIL. Decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005.
- CBDS (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE SURDOS). Disponível em <<http://cbds.org.br/eventos/deaflympics/o-que-e-deaflympics/>>. Acesso em: 13 abr. 2019.
- CUNHA, Antonio Jorge Torres. *A vela adaptada no Clube Naval do Funchal*. 2014. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Desporto), Universidade da Madeira.
- DAVIES, Júlio A. Iatismo e profissionalização: um estudo etnográfico do Projeto Grael. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-25, nov.2006/fev.2007, 2006.
- FERNANDES, R. de M.; FREITAS, A. M. de. Esporte a vela como prática de Educação Física escolar. *Revisva Efdeportes.com* [online], Buenos Aires, v. 13, n. 126, nov. 2008.
- MCARDLE, W. *Fisiologia do exercício: nutrição, energia e desempenho humano*. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanaara Koogana, 2013.
- MAGNANI, J. G. C. No mundo dos surdos. In.: MAGNANI, J. G. C. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- PASETTO, S. C.; ARAUJO, P. F.; CORREA, U. C. Efeitos de dicas visuais na aprendizagem do nado crawl para alunos surdos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* [online]. Porto, v. 6, n.3, pp.281-293. 2006.
- SILVA, P. P. C. et. al. Esporte a Vela: uma revisão sistemática. *Revista Pesquisa em Saúde*. Maranhão, v.1, n.1, pp. 25-34, jan/mar. 2012.
- TV INES. *A vida em Libras: Esportes olímpicos II*. Disponível em <<http://tvines.ines.gov.br/?p=12535>>. Acesso em: 29 jan. 2018.
- WEINECK, J. *Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil*. 9. ed. São Paulo: Manole, 1999.
- VIANA, M.; ANDRADE, A.; BRANDT, R. Iniciação esportiva de velejadores brasileiros: um estudo qualitativo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 283-301, abr/jun. 2011.